

DOM WASHINGTON CRUZ, CP
ARCEBISPO METROPOLITANO DE GOIÂNIA

A EVANGELIZAÇÃO

NA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA
caminhos pastorais

Goiânia-GO
2007

SÉRIE PASTORAL

Carta Pastoral n. 1 - 11/04/2004

Igreja em Goiânia. Caminhos Pastorais

Carta Pastoral n. 2 - 28/11/2004

Eucaristia: Escola de Amor ao Próximo. Caminhos Pastorais

Carta Pastoral n. 3 - 02/02/2005

Dia do Senhor: Festa do Reino. Caminhos Pastorais

Carta Pastoral n. 4 - 12/10/2005

Ensinai a todos os povos. A educação católica na Arquidiocese de Goiânia. Caminhos Pastorais

Carta Pastoral n. 5 - abril/2006

Igreja: casa e escola de Comunhão. Caminhos Pastorais

Carta Pastoral n. 6 - 21/02/2007

A Evangelização na Arquidiocese de Goiânia. Caminhos Pastorais

Lista de siglas

IGMR – Instrução Geral do Missal Romano

LG – Constituição Pastoral *Lumen Gentium* – Concílio Vaticano II

NMI – *Novo Millennio Ineunte* – João Paulo II

OT – Decreto *Optatam Totius* – Concílio Vaticano II

RH – Carta Encíclica *Redemptor Hominis* – João Paulo II

CDC – Código do Direito Canônico

MR – Missal Romano

CIC – Catecismo da Igreja Católica

JMJ – Mensagem para XXII Jornada Mundial da Juventude

DCE – *Deus Caritas est* – Bento XVI

HV – *Humanae Vitae* – Paulo VI

CP – Caminhos Pastorais, n. 5

Carta Pastoral n. 6

Irmãos e Irmãs,

1. A Igreja é uma comunidade de fé, que, pelo batismo nos inicia e pela Eucaristia alimenta a nossa vida cristã. É o lugar em que aprendemos a conhecer e a amar Jesus Cristo. Ela é profundamente maternal. Por meio dela recebemos a vida divina **e, por isso, queremos amá-la como Jesus Cristo a amou** (Ef 5,25).

No início deste novo ano Pastoral de 2007, desejo compartilhar convosco alguns **caminhos pastorais** que sustentem a vida e a missão de nossas comunidades, visando à comemoração do cinquentenário de nossa Arquidiocese, que será celebrado no próximo dia 07 de junho, na Solenidade de *Corpus Christi*, e que deverá se prolongar até ao final de 2007.

O Senhor Jesus chama constantemente a sua Igreja à conversão. No tempo da Quaresma, a Igreja acolhe esse chamado com especial atenção e nos leva a ouvir mais intensamente a Palavra de Deus, a celebrar o sacramento da penitência, que nos reconcilia com Deus e entre nós, e o sacramento da Sagrada Eucaristia, sacrifício da “nova e eterna aliança”, bem como a renovar os nossos compromissos batismais.

QUARESMA E TEMPO PASCAL

2. Celebrando a quaresma e o tempo pascal, **nos unimos ao sofrimento de Cristo**, em seu peregrinar desde o deserto até à Cruz, culminando com o grande e central evento da Sua Páscoa. E aprendemos de Jesus, Servo de Javé, a sermos profundamente obedientes à vontade do Senhor. Atravessando essa longa noite, sobretudo no cenário sociopolítico e econômico, nacional e internacional, em que, muitas vezes, as trevas parecem vencer, confiemos plenamente na graça salvadora de Deus. “*Hoje a salvação entrou nesta casa*” (Lc. 19,10). A Páscoa de Jesus é também nossa páscoa. Em Sua Morte e Ressurreição vemos nascer de dentro de nós, como Igreja, pela for-

ça do Altíssimo Deus, a potência divina que tudo transforma, que nos leva a verdes prados e a contemplar novos horizontes.

A Páscoa é tempo de alegria, graças à plenitude do sacrifício redentor alcançado por Jesus Cristo. No sacrifício pascal de Cristo que nos foi entregue, tendo realizado todas as promessas messiânicas (Lc 24,26-27), Deus realiza o profundo mistério de amor para com o homem. “*Só tu, noite feliz, soubeste a hora em que Cristo da morte ressurgia*” (Precônio Pascal).

3. A Igreja celebra perenemente a **Eucaristia**, penhor da vida eterna, “*fonte de vida e de toda santidade*”, para louvar e bendizer ao amor redentor de Cristo. Como nos ensinou o Servo de Deus, João Paulo II, a Igreja não cessa de reviver a Sua morte na cruz e a Sua ressurreição, que constituem o conteúdo da vida cotidiana da Igreja (RH 7). Por isso, caríssimos irmãos, é que velo, como Pastor dessa porção do Povo de Deus a mim confiada, para que a Igreja caminhe sempre na luz do Ressuscitado e seja intrépida testemunha do Cristo, Luz do mundo, Mestre e Senhor: “*Não quis saber outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado*”, disse Paulo à Igreja que estava em Corinto (1Cor 2,2). Portanto, a **Paixão de Cristo** é o princípio fundamental da **vida e da missão da Igreja**. Paixão que encontra, no ano do Jubileu da Arquidiocese, tempo de especial contemplação e de experiência do manancial do gratuito amor que brota incessantemente do coração de nosso Deus, em Jesus Cristo, pela força do Espírito de Santidade.

A EXPERIÊNCIA DE COMUNHÃO NA IGREJA PARTICULAR

4. Uma Igreja particular é obra contínua da solicitude amorosa de Jesus Cristo. O Concílio Vaticano II assim a define:
“*Diocese é a porção do Povo de Deus, confiada a um Bispo para que a pastoreie em cooperação com o presbitério, de tal modo que, unida ao seu pastor e por ele congregada no Espírito Santo mediante o Evangelho e a Eucaristia, constitua uma Igreja particular, na qual*

verdadeiramente está presente e opera a Uma, Santa, Católica e Apostólica Igreja de Cristo” (Decreto *Christus Dominus*, n. 11).

Neste momento eu sou este Bispo, a quem Deus pede que conduza essa porção do seu Povo pelos caminhos da fé e da salvação, missão que realizo com a ajuda preciosa e indispensável dos meus irmãos presbíteros. O meu ministério e o ministério deles é o único ministério sacerdotal e apostólico, **para o bem de todo o Povo de Deus**. Movidos por essa espiritualidade, renovamos nosso compromisso de servir e amar a Igreja com todas as nossas forças, pondo ao seu serviço tudo o que somos e tudo o que temos, porque é o Senhor quem edifica a sua Igreja (Mt 16,18).

5. Pessoalmente, tenho plena consciência de que tudo o que posso fazer por esta Igreja é amá-la com todas as minhas forças, no trabalho incansável, no sofrimento inevitável, nas alegrias partilhadas, com o mesmo amor com que desejo amar a Jesus Cristo. Devo confessar, também, que em minhas andanças pela Arquidiocese me sinto acolhido pelas comunidades, o que me leva a reconhecer nisto uma expressão do **amor da Arquidiocese de Goiânia a Jesus Cristo**.

A **comunhão da caridade** é a primeira expressão e garantia da unidade da Igreja. Agradeço de coração a todos aqueles que rezam pelo meu ministério episcopal, que amam a Igreja, que assumem generosamente a sua missão e que compartilham, na comunhão e na participação, com as preocupações do seu pastor.

6. Porção do Povo de Deus, a Igreja em Goiânia está em permanente comunhão com a Igreja no Brasil e **com a Igreja espalhada pelo mundo inteiro**. Sente-se irmã de todas as demais dioceses e quer, na medida do possível, partilhar com elas os seus dons espirituais e materiais. A solicitude para com todas as Igrejas faz parte de meu ministério episcopal. A principal garantia desta comunhão com toda a Igreja é a **nossa união ao Santo Padre**, Cabeça do Colégio Apostólico e Pastor Universal. Ele exerce o ministério confiado por Jesus ao Apóstolo Pedro. No Bispo da Igreja de Roma “*perdura o*

múnus concedido pelo Senhor singularmente a Pedro” (Código de Direito Canônico, Cân. 331). É ele a garantia da unidade da fé e da caridade, dos critérios morais da existência cristã e das grandes linhas da ação pastoral da Igreja no mundo contemporâneo.

7. O dinamismo comunitário, baseado numa **espiritualidade de comunhão** (esse foi o tema da minha última Carta Pastoral), deve perpassar toda a Igreja. Ela toda, na sua universalidade, deve apresentar-se ao mundo como comunidade, sinal de uma comunhão universal que abraça toda a família humana. Essa comunhão universal adquire um rosto concreto na Igreja particular, em que o Bispo, sucessor dos Apóstolos, preside a comunidade. O ritmo e a verdade da Igreja particular garantem a autenticidade **de outras expressões da Igreja**, a primeira das quais é a Paróquia, congregada para a Eucaristia e presidida pelo Pároco, presença viva e atuante do ministério sacerdotal do Bispo.
8. Edificar a Igreja como comunidade viva, alimentada pela Palavra e capaz de testemunhar o amor, evangelizando, é, há muitos anos, uma das prioridades da nossa ação pastoral. Mas, a Igreja, como comunidade, tem a sua origem na **comunhão com Deus. O contrário é construir sobre a areia, é ficar prisioneiro de critérios culturais e organizativos, é querer construir um mistério só com as nossas forças humanas**. Muitas vezes as nossas comunidades têm aparência e estruturas comunitárias, mas não têm a densidade da comunhão, que só pode ser a da caridade. O Servo de Deus João Paulo II convidou-nos a fazer da Igreja a *“casa e escola de comunhão”*. E *“uma espiritualidade de comunhão significa, em primeiro lugar, ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há de ser percebida também no rosto dos irmãos”*. Só a experiência de Deus nos ajuda a construir a Igreja como experiência de comunhão. João Paulo II acrescentava: *“Não haja ilusões! Sem esta caminhada espiritual, de pouco servirão os instrumentos exteriores de comunhão. Revelar-se-iam mais como estruturas sem alma, máscaras de comunhão, do que como vias para a sua expressão e crescimento”* (NMI, n. 43).

Que grande interpelação aos nossos Conselhos arquidiocesanos, paroquiais e comunitários. **Construir comunhão** exige que se recorra aos meios da graça, que se saiba perdoar e reconhecer a necessidade do perdão, que se seja aberto à diferença e à variedade dos dons, que se aprenda a reconhecer e a agradecer todos os dons com que o Espírito de Cristo enriquece a sua Igreja “*até chegarmos todos juntos à unidade na fé e no conhecimento do Filho de Deus*” (Ef 4,11-12). Que o **espírito de serviço seja mais forte que a ânsia de dominar** e se descubra que não dominamos a Igreja, ao contrário, é ela que nos envolve na ternura de Deus (cf. NMI, 42-51).

9. Comunidades dinamizadas pelo amor de Deus transformam-se em verdadeiros sujeitos de evangelização, pois esta **deve testemunhar com a vida aquilo que anuncia**. A Arquidiocese com seus Vicariatos e as Paróquias são as comunidades de referência para todas as outras experiências e dinamismos comunitários. Elas são frequentemente apresentadas como “*comunidade de comunidades*”. De fato a comunidade eclesial ganha em densidade de comunhão se os cristãos se habituarem a crescer na fé, congregados em “*pequenas comunidades*”.

Na afirmação da vitalidade dessas comunidades, tem grande importância a celebração do Domingo, dia do Senhor e dia da Comunidade, quando a **Eucaristia se revela como momento de reunião e de convergência da vida diária e ponto de partida para o anúncio evangelizador**. Num momento em que a falta de sacerdotes fez surgir, providencialmente, outros modos de celebrar o Domingo, tais como os cultos dominicais, não podemos perder de vista a centralidade da celebração Eucarística plena na construção da comunidade. Os cultos dominicais, importantes e, na conjuntura atual, tão necessários, não podem tornar-se a solução habitual e definitiva para as comunidades. Como toda a ação pastoral, esta questão exige equilíbrios sensatos, centrados na nossa convicção de fé de que não há Igreja sem Eucaristia. **Nossa meta deve ser a de formar ministros ordenados suficientes** para que cada comunidade possa ter, ao menos no Dia do Senhor, a celebração plena da Eucaristia.

**A HISTÓRIA E O PRESENTE:
EIXOS DA AÇÃO EVANGELIZADORA
NA ARQUIDIOCESE**

10. A Igreja particular é um Povo que peregrina, através do tempo histórico-social e do tempo da vida de cada um de nós desde a adesão ao Cristo Ressuscitado. “*Com efeito, a sua comunidade se constitui de homens que, reunidos em Cristo, são dirigidos pelo Espírito Santo, na sua peregrinação para o Reino do Pai*” (*Gaudium et Spes*, n. 1). A Igreja caminha, na fé, ao encontro do Senhor, na Sua glória, rumo à casa do Pai. **Essa peregrinação histórica da Igreja em Goiânia começou há cinquenta anos.**

Ao longo desse peregrinar, a Igreja Arquidiocesana foi adquirindo uma identidade eclesial própria. Destaco **alguns dos eixos, frutos da ação do Espírito Santo** na história da Arquidiocese e ao redor dos quais se organizou a ação pastoral da Igreja em Goiânia.

a) Amor aos irmãos

11. O amor dos irmãos, sobretudo aos **pobres** e aos que sofrem, sempre foi o sinal distintivo dos cristãos e a manifestação da maturidade da Igreja (At 4,42-47). Ao longo desses cinquenta anos é extensa a lista de pessoas físicas e instituições de nossa Igreja que protagonizaram esse amor aos irmãos. O sentido do **acolhimento e da partilha** está no alicerce da Igreja que herdamos e terá de continuar a ser a pedra fundamental da Igreja que queremos continuar a edificar. O acolhimento, como expressão da caridade, é um momento privilegiado de evangelização. As pessoas, por diversas razões e em diversas circunstâncias, procuram nossas comunidades. Nem sempre lhes podemos dar o que nos pedem e como nos pedem. Mas sempre devemos oferecer o próprio **Jesus Cristo**, caminho de salvação e realização plena da pessoa humana (Jo 14,6).

b) Educação, cultura e comunicação

12. A nossa Arquidiocese bem cedo percebeu a importância da educa-

ção, da cultura e dos meios de comunicação para a evangelização e consolidação da fé. Em tempos de **profundas mudanças sociais, culturais e econômicas**, a Igreja em Goiânia continua sua atuação no mundo da educação, da cultura e da comunicação, por meio de seus Vicariatos ambientais para a Educação e Cultura e para a Comunicação, bem como de sua Universidade Católica, do Instituto de Filosofia e Teologia do Estado de Goiás - IFITEG, do Instituto Santa Cruz, das Escolas Católicas, da Rádio Difusora, – que também celebra neste ano o seu jubileu áureo – e de outros meios de comunicação postos à nossa disposição.

c) *Profetismo*

13. A nossa Igreja, portadora de uma luz superior, sentiu-se freqüentemente interpelada a tomar posição, de forma serena, firme e coerente, diante da realidade, por meio de seus pastores Dom Fernando Gomes dos Santos e Dom Antonio Ribeiro de Oliveira, de tantos religiosos e religiosas e de muitíssimos fiéis leigos, homens e mulheres de densa fé cristã. A tolerância exigida pela pluralidade cultural, que tanto marca e caracteriza a nossa sociedade, não enfraqueceu a firmeza de suas convicções. Nestes cinquenta anos a nossa Arquidiocese procurou fazer um **caminho de renovação digno da sua história**. A valorização do laicato deu à missão da Igreja uma dimensão mais verdadeira enquanto ação e expressão de toda a comunidade.

Dessa forma, como herdeiros do caminho percorrido e fiéis ao que o Senhor realiza nessa Arquidiocese, a nossa Igreja é impulsionada a ser presença salvífica no mundo, testemunhando o imenso amor de Deus que, em Jesus Cristo, reuniu todos numa única família, de laços estreitos e fortes. Na Audiência Geral com o Papa Bento XVI, em 03 de janeiro de 2007, o Sumo Pontífice ensinou que *“pertencemos verdadeiramente à família que tem Deus como Pai, porque Jesus, o Filho Unigênito, veio armar a sua tenda no meio de nós, a tenda da sua carne, para reunir todos os povos numa única família, família de Deus, pertencente realmente ao Ser divino, unidos num só povo, numa só família. Veio para nos*

revelar o verdadeiro rosto do Pai”.

Como porção dessa grande família de Deus, presente e atuante no mundo inteiro, como irmãos e irmãs de Jesus, devemos assumir os desafios imediatos que nossa realidade local coloca à ação evangelizadora e às nossas estruturas de serviço pastoral.

d) A reforma litúrgica

14. A reforma litúrgica, outro eixo da renovação da Igreja em Goiânia, deu-lhe a consciência de se assumir como comunidade orante, situando, progressivamente, a oração comunitária como autêntica oração da Igreja e foco inspirador da oração pessoal. No âmago dessa renovação litúrgica, está uma compreensão teológica atualizada do mistério da Igreja como **povo sacerdotal** e da Eucaristia como **coração da Igreja**.

15. O **folheto litúrgico Comunhão e Participação**, que pode ainda ser aperfeiçoado, é um precioso instrumento de unidade litúrgica. Aliás, em nossa celebração litúrgica, devemos saber **conjugare equilibradamente uma certa liberdade criativa e um claro sentido eclesial**. Uma certa liberdade, porque não se trata de ser escravos da palavra ou do rito, mas de dar-lhes vida, de recriá-los. O principal de uma celebração não é a exatidão nos ritos – que também nos ajuda –, mas a **profundidade da sintonia com o que celebramos**. Além disso, nos livros litúrgicos se oferece com frequência uma variedade de alternativas, cuja escolha depende do sentido pastoral de quem preside ou da equipe que prepara a celebração. Ao mesmo tempo, é preciso entender que **nossa celebração é de natureza e de sentido eclesial** e que deve levar em conta o forte sentido da **Tradição** (a Igreja celebra os sacramentos há dois mil anos) e de adaptação e reforma que aconteceram a partir do Concílio Vaticano II.

16. A Igreja tenta ser **fiel à sua tradição** mais original e embrionária e, ao mesmo tempo, às necessidades pastorais dos novos tempos. Milhares de comunidades cristãs ouvem, a cada domingo, as mes-

mas leituras e rezam as mesmas orações que nós rezamos. Não celebramos conforme o nosso gosto particular, mas em sintonia com toda a Igreja. Há um provérbio sueco que diz: “*Rompe as tuas correntes e serás livre; corta as tuas raízes e morrerás*”. Certas liberdades são, às vezes, apresentadas como um progresso litúrgico ou como uma renovação da Igreja. Bem pelo contrário. Nada é mais contra a criatividade do que as originalidades que são, normalmente, produtos de mau gosto. **A criatividade implica, antes, um esforço de conhecimento, ciência e experimentação, de enraizamento e aprofundamento de uma autêntica tradição cultural.** Por isso, porque a Igreja deseja a verdadeira criatividade, também na sua Liturgia, recomenda que “**os presbíteros, diáconos e fiéis leigos compreendam sempre profundamente o genuíno sentido dos ritos e textos litúrgicos e desse modo sejam levados à celebração ativa e frutuosa da Eucaristia**” (IGMR, 22). “*Lembre-se, contudo, o sacerdote que ele próprio é servidor da sagrada Liturgia, e que não lhe é permitido, por sua livre iniciativa, acrescentar; suprimir ou mudar seja o que for na celebração da Missa*” (IGMR, 24).

17. Na celebração litúrgica não celebramos a nós mesmos. **Celebramos Jesus Cristo.** Celebramos a salvação que Deus nos transmite por meio de Cristo e do Espírito na celebração da Igreja. **Não é completamente exato dizer que “celebramos nossa vida”, ou que “celebramos nossa fé”.** Sim, celebramos **a partir de nossa vida e de nossa fé.** Não deixamos a vida, as preocupações ou as intenções na porta da Igreja. Aliás, celebramos movidos pela fé. **Mas o que celebramos é o amor que Deus nos tem, celebramos o mistério de Cristo – sua Páscoa, Morte e Ressurreição – que nos é comunicado em cada Eucaristia, em cada sacramento e na Liturgia das Horas.** É claro que esse amor de Deus que celebramos é para nós. Alcança-nos em nossa vida e em nossa história de hoje, exigindo de nós uma resposta de fé. Por isso a celebração é também algo nosso: “*sacramenta propter homines*”, os sacramentos são para nós. Mas com a perspectiva bem clara, de que o

principal não é aquilo que nós fazemos nas celebrações, mas, sim, a obra que Deus realiza em nós e através de nós, quando O deixamos fazer. A seguir, **apresento as bases que devem sustentar o agir pastoral** de todas as instituições da Igreja Arquidiocesana.

EXIGÊNCIAS DA AÇÃO EVANGELIZADORA

O anúncio de Jesus Cristo como nosso Salvador

18. A evangelização não é uma estratégia e não se esgota em programas: é uma paixão inflamada de amor. Só o amor a Jesus Cristo nos levará a não esmorecer no ardor evangelizador e missionário. Os evangelizadores devem estar centrados em Jesus Cristo. “*A quem iremos, Senhor? Só Tu tens palavras de vida eterna*” (Jo 6, 68). O anúncio querigmático de Jesus Cristo deve ser uma atitude permanente, a catequese como aprofundamento da vida da fé, um esforço que se prolonga por toda a nossa existência. Sem essa catequese permanente e enraizada na vida, não haverá cristãos comprometidos, famílias cristãs que busquem a beleza da “*Igreja doméstica*”, nem vocações de especial consagração. A prioridade inalterável da Igreja, ao longo dos séculos, é Jesus Cristo e o seu apelo à santidade.

Testemunho e serviço da caridade

19. O traço distintivo de toda a Igreja deve ser a caridade, expressa no serviço, sobretudo aos mais pobres e necessitados, na afirmação da transcendência de Deus, na proclamação das verdades perenes acerca das grandes interrogações do coração humano.

20. **Essa é a prioridade das prioridades, que passa tanto pelo aprofundamento duma experiência de espiritualidade de comunhão, como pela decisão corajosa de encontrar novas formas de amor ao próximo.** Os pobres, os que estão mergulhados em solidão, os aflitos gritam por nós porque nossa solicitude fará se sentirem amados por Deus. As nossas obras sociais precisam se deixar mobilizar por essa “*nova fantasia da caridade*”.

21. Movida por essa espiritualidade é que a Arquidiocese de Goiânia promove, ano após ano, a **Feira da Solidariedade**. Os projetos que incrementam ou fomentam o bem da humanidade representam largos passos que a Igreja e a sociedade organizada dão na direção da solidariedade. **Porque Deus amou o mundo e no mundo realizou o mistério da encarnação de Seu Filho**, todos devemos também manifestar profundo amor para com as criaturas, obra do amor de Deus. E as quase **trezentas instituições eclesiais de assistência social** que atuam na Arquidiocese de Goiânia em muito precisam da ajuda caritativa da grande sociedade. Por força de nossa missão, como Igreja, movida pelo testemunho eloqüente da vida de Jesus que veio para que todos, indistintamente, tenham vida e a tenham em abundância, queremos, como Igreja, continuar colaborando com a sociedade, no sentido de que mais pessoas sejam cada dia mais incluídas nos sistemas produtivos. E que consigam viver com estável dignidade. Com essas inspirações, a Feira da Solidariedade deve ser o testemunho do empenho pela **convergência da prática do amor** solidário de nossa Arquidiocese. Afinal, como nos ensina a Igreja no seu Catecismo: “*a caridade representa o maior mandamento social*” (n. 1889).

Em comunhão com o Magistério da Igreja

22. A Igreja, como comunidade e cada um dos seus membros, deve se empenhar na construção da cidade dos homens, para o avanço da “*civilização do amor*”. A forma como a Igreja está na cidade e contribui para o seu progresso não é a conquista de qualquer poder, seja ele político, econômico ou outro, nem sequer a busca da eficácia imediata, recorrendo para isso às estratégias dos poderosos meios da ciência, da técnica e do *marketing*. **A Igreja deve estar na cidade como um sinal** que interpela e abre os corações aos novos horizontes de vida e de dignidade.
23. A lógica do natural e do inevitável, acentuada pelas ciências e proclamada pelas análises humanas, ainda que científicas, confere, hoje, **à proclamação das verdades perenes acerca da vida e da**

morte, acerca da justiça e do amor, a aparência de um anacronismo inaceitável pela evolução da sociedade. Muitos clamam e esperam pela mudança da Igreja, feita com critérios naturalistas. Mas a Igreja foi fundada por Jesus Cristo, para ser sal, fermento e luz. Ela é um convite à mudança, à conversão do coração à verdadeira perspectiva de Deus.

24. Nessas questões cruciais que estão hoje no palco da história, somos chamados a dar as verdadeiras “razões da nossa esperança” (1Pd 3,15), isto é, da nossa fidelidade a uma visão do homem e da sociedade, enraizada em Cristo e no seu Evangelho. Assim ensinava João Paulo II a esse respeito: “*Para a eficácia do testemunho cristão, especialmente nestes âmbitos delicados e controversos, é importante fazer um grande esforço para explicar adequadamente os motivos da posição da Igreja, sublinhando sobretudo que não se trata de impor aos não crentes uma perspectiva de fé, mas de interpretar e defender valores radicados na própria natureza do ser humano. A caridade tomará então necessariamente a forma de serviço à cultura, à política, à economia, à família, para que em toda a parte sejam respeitados os princípios fundamentais de que depende o destino do ser humano e o futuro da civilização*” (NMI, n. 51).
25. Nem sequer é razoável a análise feita por muitos, segundo a qual é mais aceitável a doutrina da Igreja sobre questões sociais do que as **posições doutrinárias acerca da vida, da sexualidade e do amor**. As análises e orientações para o campo da bioética e para o caminho da sociedade são, ambas, indelegáveis, pois se fundamentam na radicalidade da exigência do Evangelho e na dimensão sobrenatural da existência. E, sinceramente, não vejo que seja menos exigente seguir os caminhos evangélicos da construção da justiça e da paz, do que a defesa da **dignidade inviolável da vida humana** e da dignidade responsável do amor e da sexualidade.
26. A Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, de João Paulo II, constitui um grande luzeiro para os nossos cuidados pastorais vol-

tados para a família, fundada sobre o Matrimônio. Sem qualquer dissimulação da verdade, João Paulo II exorta a inteira comunidade dos fiéis a tratar com caridade solícita os casos difíceis, tais como os casais sem qualquer vínculo de compromisso ou aqueles que são casados apenas civilmente, bem como os casais separados e pessoas divorciadas que contraem nova união: **“Juntamente com o Sínodo exorto vivamente os pastores e a inteira comunidade dos fiéis a ajudar os divorciados, promovendo com caridade solícita que eles não se considerem separados da Igreja, podendo, e melhor devendo, enquanto batizados, participar na sua vida. Sejam exortados a ouvir a Palavra de Deus, a freqüentar o Sacrifício da Missa, a perseverar na oração, a incrementar as obras de caridade e as iniciativas da comunidade em favor da justiça, a educar os filhos na fé cristã, a cultivar o espírito e as obras de penitência para assim implorarem, dia a dia, a graça de Deus. Reze por eles a Igreja, encoraje-os, mostre-se mãe misericordiosa e sustente-os na fé e na esperança. A Igreja, contudo, reafirma a sua práxis, fundada na Sagrada Escritura, de não admitir à comunhão eucarística os divorciados que contraíram nova união. Não podem ser admitidos, do momento em que o seu estado e condições de vida contradizem objetivamente aquela união de amor entre Cristo e a Igreja, significada e atuada na Eucaristia. Há, além disso, um outro peculiar motivo pastoral: se se admitissem estas pessoas à Eucaristia, os fiéis seriam induzidos em erro e confusão acerca da doutrina da Igreja sobre a indissolubilidade do matrimônio”** (n. 84).

27. Esse mesmo documento sustenta firmemente o que foi proposto pelo Concílio Vaticano II, na Constituição Apostólica *Gaudium et Spes* (n. 50) e pela Encíclica *Humanae Vitae*, **“que o amor conjugal deve ser plenamente humano, exclusivo e aberto à nova vida”**.

Desejo, outrossim, relembrar a todos que **não é permitido nesta Arquidiocese celebrar matrimônios fora do espaço sagrado, como também a nenhum sacerdote, diácono ou testemunha**

qualificada do matrimônio é lícito simular casamentos em outros espaços, depois de já ter sido celebrado o casamento na Igreja de forma mais reservada.

28. No aprofundamento das razões daquilo que propomos e defendemos, procuremos incluir no dinamismo formativo dos cristãos **um maior conhecimento acerca da Doutrina Social da Igreja, enriquecida pelo vasto magistério conciliar e pontifício**. Nesse sentido, desejamos dialogar com os políticos, não apenas com os que se definem cristãos, mas também com todos os “homens e mulheres de boa vontade”.

Valorizar nossa vida comunitária

29. Valorizemos tudo o que em nossa Arquidiocese é obra de generosidade e de fraternidade, todos os sinais de amor, todas as lutas pela justiça, tudo o que se fez e se faz para que os pobres possam alcançar uma vida digna. **Valorizemos nossa comunidade, nossa paróquia, nossa Igreja**: todos os esforços, as atividades, a vitalidade renovadora, o desejo de anunciar o Evangelho, como também as dores nos podem ajudar a crescer. Porque aí está a presença e a ação do Espírito Santo, “*que vem de Deus para conhecermos os dons que Deus nos concedeu*” (1 Cor 2,12). Valorizemos nossos encontros dominicais, a Eucaristia e a comunhão com os irmãos e irmãs que, em cada Domingo, se reúnem na mesma fé e na mesma esperança, convocados e alimentados por Jesus Cristo. Valorizemos o dom do batismo, da confirmação, da penitência, da ordem, do matrimônio e da unção dos enfermos, porque nesses sacramentos está a presença e a ação do Espírito Santo.

Anunciadores da esperança

30. “*O fruto do Espírito, porém, é: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, lealdade, mansidão, domínio próprio*” (Gl 5,22-23). São coisas, assim, que mais fazem falta no mundo atual. Às vezes as pessoas vivem um pouco desorientadas, sem alegria. A alegria interior – feita de serenidade, confiança, fé, esperança – é

para uma pessoa como o combustível é para o carro. Não podemos trabalhar, nem construir fraternidade se não tivermos esses dons do Espírito. Fariamos muito bem a todos se conseguíssemos comunicar ao mundo um pouco mais dessa esperança. Creio que essa missão deva ser permanentemente assumida desde mim, que sou o Bispo, passando pelos sacerdotes, pelos catequistas ou animadores de comunidades, de pastorais ou movimentos, pelos pais e educadores. “*Seja vossa amabilidade conhecida de todos os homens*” (Fl 4,5).

31. Nossos semblantes, nossas palavras, as opções que fazemos deveriam expressar essa esperança, alegria, serenidade. Devemos nos fixar no bem que existe na Igreja, no mundo e nas pessoas, sermos tolerantes, difundirmos otimismo. Sorrir, animar, comunicar esperança e sentido da vida. O pecado pior, nesse nosso “ano jubilar”, seria deixarmos vencer pelo desalento, ou seja, não crendo no Espírito, que é o Alento, o Sopro de Deus sobre a Igreja e sobre o mundo.

32. Assim, inspirada e movida por esses princípios, a Igreja Arquidiocesana abre-se inteiramente para que o Espírito Santo suscite e aponte novos caminhos, novos desafios ou um renovado ardor evangelizador que impulse a Igreja, com todos os seus carismas, serviços e ministérios para uma eficaz presença no mundo. “*O Espírito é também força que transforma o coração da comunidade eclesial para ser, no mundo, testemunha do amor do Pai, que quer fazer da humanidade uma única família, em seu Filho. Toda a atividade da Igreja é manifestação de um amor que procura o bem integral do ser humano: procura a sua evangelização por meio da palavra e dos sacramentos, empreendimento muitas vezes heróico nas suas realizações históricas; e procura a sua promoção nos vários âmbitos da vida e da atividade humana*” (Papa Bento XVI, *Deus Caritas est*, n. 19).

Ao receber os bispos e fiéis visitantes, advindos da Lombardia, região mais povoada da Itália, no último dia 07 de fevereiro de 2007, o Papa exortou a Igreja a “*anunciar e testemunhar o Evan-*

gelho em cada um de seus âmbitos, especialmente onde emergem as características negativas de uma cultura consumista e hedonista, do secularismo e do individualismo, onde se registram antigas e novas formas de pobreza, com sinais preocupantes de mal-estar juvenil e fenômenos de violência e criminalidade”.

É para esse mundo, para esse contexto tão fortemente presente no Brasil e em nossa Arquidiocese, que a Igreja é enviada para ser sal, fermento e luz (Mt 5). Vejamos, na seqüência, **os principais eixos da ação pastoral-evangelizadora** que estão presentes ou estão sendo implementados em nossa Arquidiocese, a fim de que consigamos oferecer ao mundo *“as razões de nossa esperança”* (1 Pd 3,15).

A MISSÃO CONFIADA PELO SENHOR

Pastoral vocacional

33. Podemos fazer muitas coisas a partir da nossa própria realidade e sem muitas complicações. Ofereçamos o tesouro de nossa própria fé, proponhamos aos jovens a grandeza da vocação para a vida sacerdotal e para a vida religiosa. Quem sabe algum deles esteja esperando aquela proposta que lhes ajude a interrogar-se: *“E se eu mesmo me dispusesse a ser padre?”*

34. Jesus Cristo continua a cativar os corações dos jovens. Apenas é preciso que eles O encontrem e O conheçam. *“Vem e segue-me”* (Mt 19,21). Esse convite ressoa fortemente ainda hoje no coração de muitos e continuará, por vontade do Senhor, a despertar sempre novos discípulos no decorrer da história.
Uma evangelização testemunhal é decisiva. Nesse contexto é importante que os caminhos que os jovens venham a escolher na vida, sejam caminhos verdadeiramente de discípulos que querem seguir o Senhor. **Com Jesus Cristo os jovens perceberão que ser cristão é um chamado e que para ser fiel a Jesus Cristo é preciso escutar o Senhor acerca da decisão sobre a sua própria vocação.** O que se escolhe humanamente, discernindo o próprio gosto

e vontade, pode não corresponder àquilo que Cristo pede a cada um. A solução do problema das vocações é sobrenatural, passa pela descoberta de Jesus Cristo, no amor e na radicalidade de vida.

35. “*Vimos o Senhor!*” (Jo 20,25). Se um jovem fizer essa experiência vital de ver o Senhor, de experimentar o seu imenso amor, será também capaz de fazer uma opção radical, oferecendo-se de todo o coração para o serviço de Cristo e da Igreja como sacerdote. Vocações não se improvisa. Ela vai sendo amadurecida com o decorrer do tempo até o momento em que alguém se pergunta: *E se Deus me quiser padre?* A partir desse momento começa uma primeira etapa de discernimento. E aqui entra o papel importantíssimo do acompanhamento pessoal. É preciso ajudar essa semente a brotar, é preciso ajudar o jovem a optar com liberdade. Isto é muito importante. Mas não nos esqueçamos que para escolher livremente terá de saber em que consiste ser sacerdote e conhecer com maior profundidade o mistério da Igreja.

36. Acredito que se anunciarmos Jesus Cristo aos jovens, o Senhor chamará muitos a seguirem-no na radicalidade do dom e do serviço à sua Igreja, como sacerdotes, religiosos e religiosas e também como cristãos consagrados no mundo. Que também os enfermos se sintam envolvidos na oração pela pastoral vocacional.

O Seminário e os seminaristas

37. O Espírito do Senhor nos pede que comuniquemos a alegria, a felicidade de sermos cristãos, de vivermos a Boa Nova de que neste mundo não estamos sozinhos. E que Deus nos ama tal como somos e quer nos conduzir à plenitude. Essa mensagem é sempre válida e atraente para nosso mundo sedento de algo mais. Na promoção das vocações sacerdotais não nos esqueçamos de que **a vida cristã já é uma vocação**, a primeira das vocações, mas que depois ela deve se concretizar em diferentes vocações particulares: o matrimônio, a vida religiosa, a consagração em meio ao mundo e também a do sacerdócio ministerial. E o exercício

para o sacerdócio ministerial tem na formação seminarística sua sólida e ampla base.

38. É preciso tornar conhecido o Seminário, que é o “*coração de uma diocese*” (O.T. 12), aproveitando, naturalmente, a festa da Santa Cruz, mas não apenas naquele dia. Tal informação **deve fazer parte do plano de pastoral ordinário das paróquias e comunidades** e deverá responder a perguntas como estas: Onde estão se formando os nossos padres? Como alguém se torna padres? Que fazer antes de entrar para o Seminário? **É certo que o Espírito do Senhor está suscitando novas vocações para o presbitério de nossa Arquidiocese. E já sendo motivo de grande alegria os 20 seminaristas que temos, devemos reconhecer que é ainda muito pouco** para uma Arquidiocese com mais de dois milhões de habitantes. Precisamos de mãos que, em nome de Jesus Cristo, **O tornem presente na Eucaristia como o Pão partido para dar vida ao mundo.** De homens da reconciliação que perdoem os pecados (2 Cor 5,18-19), homens com um coração indiviso que se entreguem para amar os irmãos porque fizeram a experiência de sentir-se amados primeiro por Ele. Padres que, com suas vidas entregues por Cristo aos irmãos, sejam testemunhas de que vale a pena viver a vida com radicalidade e sentido. **Sem dúvida alguma, o padre é aquele que, em cada paróquia, comunidade, movimento ou grupo, torna visível esse amor de Deus.**
39. O Seminário, que prepara os jovens para a missão, é uma realidade diocesana que **temos de amar e ajudar porque nele são formados os futuros pastores da Arquidiocese, seu futuro presbitério.** O Seminário forma e prepara os candidatos, mas as vocações florescem nas comunidades, com a ajuda de Deus. Uma pastoral das vocações sacerdotais explicitamente afirmada e o apoio aos nossos jovens seminaristas podem garantir à Igreja em Goiânia outro componente essencial da sua renovação: um clero ainda mais preparado, formado em sintonia com o magistério da Igreja, completamente dedicado ao ministério pastoral, unido ao seu Bispo,

abnegado no dom da sua vida. Acreditemos e rezemos. E o Senhor não nos negará os Seus dons.

40. Rezemos com insistência “**ao Senhor da messe para que envie trabalhadores para a sua messe**” (Lc 10,2). **Organizemos grupos de oração pelas vocações.** Que a oração pelas vocações ressoe habitualmente em nossas celebrações.

Escola de Ministérios e Escola Diaconal

41. Várias têm sido as iniciativas de formação teológica e pastoral em nossa Arquidiocese. Graças ao empenho de um grande número de leigos, religiosos e presbíteros, muitos agentes de pastoral tiveram a oportunidade de aprofundar e ampliar o conhecimento teológico-pastoral. Coube, aí, a presença sempre atuante da **Universidade Católica de Goiás** como instituição reconhecadora do mérito acadêmico de muitos desses cursos de formação. Também o IFITEG deu nesse sentido grande contribuição.
42. No dia **10 de março** teremos a aula inaugural da nossa *Escola de Ministérios*. Essa Escola deverá aprofundar a participação, especialmente dos leigos, nas funções profética, sacerdotal e real de Cristo. Atenta às indicações do Espírito Santo, a Arquidiocese de Goiânia, em função de suas necessidades internas e em função da presença da Igreja no mundo, deve continuar organizando cursos específicos que contribuam para o exercício dos ministérios eclesiais. Enriquecidos com a diversidade dos dons, dos carismas e dos ministérios (1 Cor 12), de olhos fixos no mesmo único Senhor (Lc 4,20), todos somos chamados a aprofundar sempre, por meio de um processo contínuo de formação, acerca dos grandes referenciais teológicos que sustentam a ação ministerial e pastoral da Igreja.
43. Destaque também deve ser dado à nossa *Escola Diaconal Santo Estevão, inaugurada com solene celebração eucarística na Catedral, no dia 26 de dezembro de 2006, festa dedicada ao diácono*

Santo Estevão. No momento temos a serviço da Arquidiocese o Bispo, sucessor dos Apóstolos, que garante a fidelidade da Igreja à fé Apostólica, juntamente com os presbíteros, que cooperam com o Bispo no serviço das comunidades. No futuro próximo, Deus permitindo, teremos também os Diáconos Permanentes. Ficaremos, assim, com os três graus do sacramento da Ordem: Bispo, Presbíteros e Diáconos. Bispo e Presbíteros são sinais e instrumentos da presença de Cristo Pastor que guia e alimenta seu povo. Os Diáconos Permanentes realçam a dimensão do serviço fraterno, tão importante na vida cristã e tornam-se, desse modo, sinal de Cristo Servo de Deus e dos homens.

44. O ministério diaconal é tão antigo quanto a Igreja. De fato, foi instituído pelos Apóstolos em Jerusalém, logo nas origens do cristianismo, para organizar o serviço da partilha dos bens com os necessitados (At 6,1-6). Os Diáconos se dedicaram também à pregação do Evangelho e à celebração do Batismo (At 8,4-8; 14-17). Na história da Igreja conservamos as memórias de Diáconos santos, como o já citado Santo Estevão (Jerusalém), São Lourenço (Roma), Santo Efrém (*Síria*), que é Doutor da Igreja e muitos outros. O Diaconato Permanente continuou florescente na Igreja do Ocidente até o século V e, depois, por várias razões, desapareceu.
45. *“Pertence ao diácono, conforme as determinações da autoridade competente, administrar solenemente o batismo, conservar e distribuir a Eucaristia, assistir e abençoar o matrimônio em nome da Igreja, levar o viático aos moribundos, ler a Escritura aos fiéis, instruir e exortar o povo, presidir ao culto e às orações dos fiéis, administrar os sacramentais, presidir aos ritos funerários e da sepultura”* (L.G. 29). Os Diáconos Permanentes vêm enriquecer a capacidade de serviço da Igreja, realizando múltiplas tarefas, como: colaborar com o anúncio da Palavra de Deus, sobretudo na formação cristã de adultos; no catecumenato para o Batismo; na animação da Pastoral Familiar; na preparação ao matrimônio; na promoção e acompanhamento dos Movimentos de Casais; no apoio aos casais

jovens; na atenção e na ajuda aos casais em dificuldade, dentre outras atividades pastorais.

46. Os Diáconos Permanentes enriquecem a Igreja não só pelas atividades que realizam, mas também pelo que são e significam, pela disponibilidade e humildade para servir, pela graça própria recebida no sacramento da Ordem. Assim, os Diáconos despertam em todo o Povo de Deus uma consciência mais viva e uma participação mais empenhada na missão da Igreja. **Peço a todas as comunidades para que rezem por aqueles que iniciaram seu itinerário vocacional rumo ao diaconato.**

A evangelização do amor

47. **A maior** parte dos matrimônios que celebramos (e dizemos isso com o coração partido) não parece dar **origem a autênticas** famílias cristãs. A evangelização do amor humano tem de fazer parte da catequese fundamental, ser **componente explícita na pastoral juvenil**, trabalhar especificamente com namorados e noivos, prolongando-se num acompanhamento do casal e da família ao longo do tempo, integrados numa comunidade de fé. Precisamos convidar os jovens casais a comprometerem-se num processo eclesial de crescimento e de fidelidade. Precisamos também explorar o rico ensinamento sobre o amor, contido na *Deus caritas est*.
48. Por ocasião da XXII Jornada Mundial da Juventude que a Igreja celebra, em todas as dioceses do mundo, no próximo dia **1º de abril, Domingo de Ramos**, o Papa Bento XVI entregou uma Mensagem. O Papa ensina aos jovens que “*Deus tem um projeto de amor para vosso futuro matrimonial e familiar e por isso é essencial que o descubrais com a ajuda da Igreja, livres do preconceito difundido de que o cristianismo, com seus mandamentos e proibições, põe obstáculos à alegria do amor e os impedem de desfrutar plenamente aquela felicidade que o homem e a mulher buscam em seu amor recíproco*”.

Por isso a importância de que a Pastoral Familiar cuide também da

educação dos jovens casais para o amor, para a fidelidade, para a mútua solidariedade, para que cresçam no amor a cada dia. O ser humano ama “*porque Deus nos amou primeiro*” (1 Jo 4,10).

A Lectio Divina e a missão dos jovens

49. Do mesmo modo que Jesus, pregado na Cruz, disse aos seus algozes “*Tenho sede*” (Jo 19,28), também hoje uma parte da juventude, crucificada pelos vícios, pela ausência de valores éticos, pelo vazio de uma vida sem projetos, clama vigorosamente para o mundo moderno: “*Temos sede*”. E nós, o que oferecemos?
50. O Santo Padre ensina que os jovens são chamados a testemunhar o amor de Cristo. “*A Igreja é nossa família espiritual*”. Os jovens tornam-se, assim, discípulos de Cristo: “*Sejam solícitos em buscar o bem de todos, fiéis aos compromissos assumidos. Não duvideis em renunciar, com alegria, a algumas de vossas diversões, aceitando de boa vontade os sacrifícios necessários, dando testemunho de vosso amor fiel a Cristo anunciando seu Evangelho especialmente entre vós*” (Mensagem para a XXII Jornada Mundial da Juventude).
51. **Em vista da solidez desse testemunho, os jovens precisam se alimentar da Palavra de Deus:** “*Inclinai meu coração às vossas advertências e dai-me a vossa lei como um presente valioso!*” (Sl 119,118). A ***Lectio Divina*** é um método de oração de especial enlevo espiritual a **ser aprendido e cultivado com assiduidade**. Santo Tomás de Aquino ensinava: “*O coração de Cristo designa a Sagrada Escritura, que dá a conhecer o coração de Cristo. O coração estava fechado antes da Paixão, pois a Escritura era obscura. Mas a Escritura foi aberta após a Paixão, pois os que a partir daí têm a compreensão dela consideram e discernem de que maneira as profecias devem ser interpretadas*” (*Expositio*). Convido os jovens, portanto, a não apenas participarem dos momentos próprios de oração em seus grupos, mas também a constituírem momentos específicos para se

encontrarem, nas paróquias e comunidades, para a *Lectio Divina*, e assim fazerem uma leitura orante da Bíblia, que os leve a um caminho de conversão e de santidade: “*Vossa Palavra é a verdade; santificai-nos na verdade!*” (Jo 17,17). A missão dos jovens, realizada em nome da Igreja, desse modo encontrará um vivo fundamento, um alimento perene que os ajude, também, a ser testemunhas vivas do Cristo Ressuscitado nos diversos **ambientes onde vivem e convivem**.

52. Ao longo de toda a quaresma, **em todos os sábados, às 19h30, na Catedral Metropolitana, orientarei a *Lectio Divina* para os jovens e com os jovens de toda a Arquidiocese**. Convido a juventude para que venha fazer essa experiência **de buscar na Palavra de Deus “as razões de sua esperança”** (1Pd 3,15).

ANO JUBILAR, SACRAMENTO DA MISERICÓRDIA E INDULGÊNCIA PLENÁRIA

53. Especialmente ao longo de todo o tempo quaresmal, mas também na vida diária em comunidade e em família, é preciso buscar sempre a conversão. E, sacramentalmente, Jesus convida todos à conversão, a fim de encontrarmos o caminho de volta ao Pai. Caminho do qual a pessoa se sente afastada em razão do pecado. Porém, “*o dom da graça foi sem proporção com o pecado. Onde, porém, se multiplicou o pecado, a graça transbordou*” (Rom 4, 15.20). E a graça de Deus se manifesta na Igreja pelo sacramento da misericórdia, da reconciliação ou penitência. Esse sacramento consagra um **esforço pessoal e eclesial de conversão, de arrependimento e de satisfação do cristão pecador** (Catecismo, n. 1423). Assim, nesse tempo de contemplação dos mistérios dolorosos que marcaram a Paixão e a Morte de Jesus, é preciso que todos experimentemos a graça santificadora mediante do recurso a esse sacramento. Como de costume, os sacerdotes, nesse tempo, organizarão nas foranias mutirão de confissões e reservarão espaços maiores para o Sacramento da Misericórdia.

54. **O Jubileu de Ouro da Arquidiocese** constitui um tempo de especial graça, concedida a todos aqueles que, de coração e com retidão, preparam-se para recebê-la. Nesse ano jubilar da Arquidiocese de Goiânia, que se encerra no próximo dia **07 de junho de 2007**, podemos obter indulgência plenária. Já pedi à Santa Sé a prorrogação do ano jubilar, com a graça da indulgência, até o próximo ano.

Pode obter a indulgência plenária quem cumpre as condições expressas no documento publicado pela Penitenciaria Apostólica (**anexo I**): Confissão sacramental, Comunhão eucarística e Oração segundo as intenções do Santo Padre, participando das celebrações eucarísticas na Catedral Metropolitana de Goiânia.

55. De caráter profundamente redentor, a **indulgência liberta** as pessoas da chamada “pena temporal” e da “pena eterna” advinda do pecado grave. O perdão dos pecados e a restauração da comunhão com Deus ajudam a romper com o “*velho homem*” e faz surgir o “*homem novo*” (Ef 4,24). A concessão da indulgência reconcilia o homem com Deus.

56. Peço às comunidades de nossas Paróquias que façam com todo o povo uma boa catequese sobre as indulgências, apontando os fundamentos teológicos, eclesiológicos e jurídico-canônicos de tal concessão, conforme constam no Catecismo da Igreja Católica.

A CAMPANHA DA FRATERNIDADE

57. Estamos em plena Campanha da Fraternidade de 2007. Neste ano, a Igreja no Brasil chama a nossa atenção e os nossos corações para os povos amazônicos. Região de difícil presença da Igreja, de desafiadora realidade socioeconômica, a Região Amazônica sofre com a presença e a intervenção de muitos organismos internacionais. A Campanha da Fraternidade certamente trará um conjunto grande de desafios que deverão ser amplamente discutidos entre a Igreja e a Sociedade, como a questão da proteção ambiental, tanto nas

regiões de florestas, como nos grandes pólos urbanos. Deve suscitar uma dimensão ecológica dentro da ação pastoral da Igreja. Em algumas dioceses há experiências pastorais ligadas à proteção ecológica. **Também nessa questão ambiental a Arquidiocese de Goiânia certamente se sentirá impelida a dar uma resposta no âmbito de nossa Igreja local.**

BENDITO O QUE VEM EM NOME DO SENHOR

58. A Igreja no Brasil prepara-se fervorosamente para a visita do Papa Bento XVI ao Brasil, que acontecerá entre os dias 09 e 13 de maio próximo. Ocasão singular para a manifestação do nosso amor ao Papa, a visita de Bento XVI acontecerá em razão da **V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho**, que se estenderá até o dia 31 de maio. O tema para a V CELAM (“**Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que n’Ele nossos povos tenham vida**”) é inspirado na própria missão de Jesus (Jo 14,16). Com certeza, novas luzes e novos desafios para a Evangelização advirão desse esforço conjunto dos bispos, representando os vários episcopados, e de um grande grupo de assessoria e de apoio à Conferência. Rezemos, em nossas paróquias, nossas comunidades, nossos grupos, nossos movimentos e nossas instituições (vide Oração pela V Conferência no início dessa Carta Pastoral), para que a Igreja na América Latina e no Caribe continue dando testemunho de unidade em vista da promoção da dignidade humana na fidelidade a Jesus Cristo.

MÃE AUXILIADORA, ACOMPANHAI-NOS PELO CAMINHO!

59. Nossa Senhora é invocada entre nós sob o título de Auxiliadora. É com essa esperança que recorremos a Ela quando nos sentimos aflitos por vários males. A Ela pedimos auxílio, conforto e esperança. Por meio dela oferecemos a Deus nossas dores, nossos sofrimentos, a cruz que nunca está ausente de nossas vidas. O amor,

a devoção e a confiança em Maria, com sua presença maternal e protetora, é elemento constitutivo da nossa tradição religiosa.

60. Nessa **nova etapa, nós, Arquidiocese de Goiânia**, confiamos na proteção maternal de Nossa Senhora Auxiliadora, entregando-lhe nossos projetos, pondo em suas mãos nossos propósitos de fidelidade ao seu Filho Jesus Cristo, na certeza de que Ele nos amou e se entregou por nós (Ef 5,2).
Seja-nos de paz e de alegria a Santa Mãe de Deus, Nossa Senhora Auxiliadora!

PALAVRAS FINAIS

61. No próximo dia 18 de abril, o Papa completará 80 anos e, no mês de maio, virá ao Brasil, para inaugurar a V Conferência do Episcopado Latino Americano e do Caribe. Rezemos pelo nosso querido Papa Bento XVI. Que sua presença entre nós seja portadora de muitos frutos.
62. Que o Espírito Santo, Princípio de toda ação vital e salutar para todas as diversas partes do Corpo, encoraje ainda mais a Igreja em Goiânia a assumir os desafios da evangelização com “*novo ardor*” e com renovado empenho, com “*novos métodos e novas expressões*” para a glória de Deus Pai. Valorizemos e avancemos agora e sempre por esse caminho, movidos pelo Espírito, para a plenitude de Deus. Somos membros do Corpo do Senhor, a Sua Igreja, Templo do Deus Vivo (2Cor 6,16).

Goiânia, 21 de fevereiro de 2007.

Dom Washington Cruz, C.P.
Arcebispo Metropolitano de Goiânia

ANEXO
PENITENCIARIA APOSTÓLICA
O DOM DA INDULGÊNCIA

O dom da indulgência manifesta a plenitude da misericórdia de Deus, que é expressa em primeiro lugar no sacramento da Penitência e da Reconciliação. Essa antiga prática, acerca da qual não faltaram incompreensões históricas, deve ser bem compreendida e acolhida.

A reconciliação com Deus, embora seja dom da Sua misericórdia, implica um processo em que o homem está envolvido no seu empenho pessoal, e a Igreja, na sua missão sacramental. O caminho de reconciliação tem o seu centro no sacramento da Penitência, mas, depois do perdão do pecado, obtido mediante esse sacramento, o ser humano permanece marcado por aqueles “resíduos” que não o tornam totalmente aberto à graça, e precisa de purificação e daquela renovação total do homem em virtude da graça de Cristo, para cuja obtenção o dom da indulgência lhe é de grande ajuda.

Entende-se por indulgência a “remissão, perante Deus, da pena temporal devida aos pecados cuja culpa já foi apagada; remissão que o fiel devidamente disposto obtém em certas e determinadas condições pela ação da Igreja que, enquanto dispensadora da redenção, distribui e aplica, por sua autoridade, o tesouro das satisfações de Cristo e dos Santos” (*Enchiridion indulgentiarum, Normae de indulgentiis*, Libreria Editrice Vaticana 1999, p. 21; *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1471).

A seguinte nota da Penitenciaria Apostólica recorda as disposições necessárias para obter com fruto a indulgência jubilar.

As celebrações do Ano jubilar não são só ocasião singular para aproveitar o grande dom que o Senhor nos faz das Indulgências mediante a Igreja, mas também são felizes oportunidades para evocar à consideração dos fiéis a catequese sobre as Indulgências. Por isso a Penitenciaria Apostólica publica, em benefício de quantos realizam as visitas jubilares, este aviso sagrado:

Apelos de índole geral sobre as Indulgências

1. A Indulgência é assim definida no *Código de Direito Canônico* (cf. cân. 992) e no *Catecismo da Igreja Católica* (n. 1471): “A indulgência é a remissão, perante Deus, da pena temporal devida aos pecados cuja culpa já foi apagada; remissão que o fiel devidamente disposto obtém em certas e determinadas condições pela ação da Igreja que, enquanto dispensadora da redenção, distribui e aplica, por sua autoridade, o tesouro das satisfações de Cristo e dos Santos”.
2. Em geral, a obtenção das Indulgências exige determinadas *condições* (ver abaixo nn. 3-4) e o cumprimento de certas *obras* (ver nn. 8-10, onde se indicam as que são próprias do Ano Santo).
3. Para obter as Indulgências, tanto plenárias como parciais, é preciso que, pelo menos antes de cumprir as últimas disposições da obra indulgenciada, o fiel esteja *em estado de graça*.
4. A *Indulgência plenária* só pode ser obtida *uma vez por dia*. Mas para a conseguir, além do estado de graça, é necessário que o fiel: tenha a disposição interior do *completo afastamento do pecado, mesmo só venial*;
se confesse sacramentalmente dos seus pecados;
receba a Santíssima Eucaristia (certamente é melhor recebê-la participando na Santa Missa, mas para a Indulgência só é necessária a sagrada Comunhão);
ore segundo as intenções do Sumo Pontífice.
5. É conveniente, mas não necessário, que a Confissão sacramental e, em especial, a sagrada Comunhão e a oração pelas intenções do Papa sejam feitas no mesmo dia em que se cumpre a obra indulgenciada, mas é suficiente que esses ritos sagrados e orações se cumpram dentro de alguns dias (cerca de 20), antes ou depois do ato indulgenciado. A oração segundo a intenção do Papa é deixada à escolha do fiel, mas sugere-se um “Pai Nosso” e uma “Ave Maria”. Para diversas Indulgências plenárias, é suficiente uma Confissão sacramental, mas requerem-se uma distinta sagrada Comunhão e uma distinta prece, segundo a intenção do Santo Padre, para cada Indulgência plenária.

6. Os *confessores* podem comutar, em favor daqueles que estão legitimamente impedidos, quer a obra prescrita quer as condições requeridas (exceto, obviamente, a separação do pecado, mesmo venial).
7. As Indulgências são sempre *aplicáveis a si próprio* ou *às almas dos defuntos*, mas não a outras pessoas vivas sobre a terra.

Aspectos próprios do Ano jubilar

Tendo em vista as necessárias *condições*, de que se fala nos números 3-4, os fiéis podem obter a indulgência jubilar cumprindo uma das seguintes *obras*, expressas a seguir em três categorias.

8. *Obra de piedade ou religião*: fazer uma *piedosa peregrinação* a um Santuário ou Lugar jubilar (em Roma: uma das quatro Basílicas patriarcais – São Pedro, São João de Latrão, Santa Maria Maior, São Paulo fora dos Muros – ou a Basílica da Santa Cruz de Jerusalém, a Basílica de São Lourenço “al Verano”, o Santuário de Nossa Senhora do Divino Amor ou uma das Catacumbas cristãs), participando ali na Santa Missa, noutra celebração litúrgica (Laudes ou Vésperas) ou num exercício de piedade (Via-Sacra, Rosário, recitação do hino *Akathistos* etc.);
ou fazer uma *visita piedosa*, em grupo ou singularmente, a um dos próprios lugares jubilares, fazendo ali a adoração eucarística e piedosas meditações, concluindo-as com o “Pai Nosso”, o “Credo” e uma invocação à Virgem Maria.
9. *Obra de misericórdia ou caridade*:
visitar, durante um tempo adequado, *irmãos em necessidade ou em dificuldade* (doentes, prisioneiros, anciãos sozinhos, deficientes etc.), como que realizando uma peregrinação a Cristo presente neles;
ou *sustentar* com um significativo contributo *obras de caráter religioso ou social* (a favor da infância abandonada, da juventude em dificuldade, dos anciãos necessitados, dos estrangeiros nos vários países, em busca de melhores condições de vida);
ou então *dedicar uma certa parte do próprio tempo livre a atividades úteis para a comunidade* ou outras formas semelhantes de sacrifício pessoal.

10. *Obra de penitência:*

pelo menos por um dia:

abster-se de consumos supérfluos (fumo, bebidas alcoólicas etc.)

ou *jejuar*;

ou fazer abstinência de carne (ou de outro alimento, segundo as especificações dos Episcopados), *oferecendo uma proporcionada quantia aos pobres.*

Dado em Roma, na sede da Penitenciaria Apostólica, 29 de janeiro de 2000.

WILLIAM WAKEFIELD Card. BAUM

Penitenciário-Mor

LUIGI DE MAGISTRIS

Regente